

ALÉM DA NOTÍCIA

Modelo da Casa Branca

Atribui-se ao presidente José Sarney a iniciativa da montagem de uma equipe de assessores mais próximos para funcionar, no Palácio do Planalto, ao nível da junta de conselheiros do presidente norte-americano, na Casa Branca, a qual, aliás, o então presidente eleito Tancredo Neves teve oportunidade de contactar, em Washington, junto com sua comitiva.

Essa equipe funciona, no modelo americano, ao lado do ministério, e não se sobrepõe a ele. Sua tarefa é a de dar consultoria privada ao Presidente da República, para informar suas decisões com um sem-número de aspectos e injunções, exercendo uma visão global que o ministro setorial muitas vezes não está capacitado a transmitir ao chefe do governo.

No caso do presidente Sarney, ele estaria partindo de uma situação, de fato, que lhe embarça e tolhe. Não pode alterar o ministério indicado por Tancredo Neves sem correr o risco de mexer em feridas ainda abertas e suscetibilidades à flor da pele. Um gesto de afirmação desses, partido de Sarney, acarretar-lhe-ia a formação de resíduos densos de hostilidade no PMDB, na Frente Liberal e no plano federativo.

A solução é deixar às coligações partidárias e às situações atendidas por Tancredo Neves a parte que lhes cabe nesse contencioso — o ministério, como foi armado pelos mistérios de Tancredo. Sarney teria, em contrapartida, sua equipe de consultores privados, ao lado dele, no Palácio do Planalto, para lhe prover de conselhos e indicações, de alternativas de comportamento nos campos político, económico, social e diplomático.

Há problemas que escapam à esfera de autonomia de um ministro de Estado, e passam a se inserir no condomínio de responsabilidade do Presidente da República. A renegociação da dívida externa, com todas as angulações críticas que suscita, é um deles, a exigir do presidente Sarney que seja ajudado por vozes mais próximas, e leais, para estabelecer um norte das negociações compatível com seu modelo de decisão.

A presença do sr. Marcos Vilaça na equipe de assessores íntimos do Presidente da República já seria um passo indicativo da sua tendência de implantar

seu próprio braço de formulação, independentemente dos compromissos assumidos contratualmente entre ele e os ministros que receberam de volta as insinuações de demissão. Nesse particular, o Presidente da República só foi brindado com uma única carta explícita e formal de demissão, a do ministro Roberto Gusmão, enquanto os demais se protegeram sob a capa do pedido oral e coletivo.

FONTOURA NÃO QUIS

O jornalista Walter Fontoura teve de dar muitos argumentos, ontem, na hora do almoço, para demover seu velho amigo José Sarney da intenção de trazê-lo de São Paulo para Brasília, para assumir a Secretaria de Assuntos Extraordinários do Palácio do Planalto. Os argumentos de Fontoura, no entanto, foram fatais para quem é hoje convidado a integrar a cúpula do governo, deixando funções particulares e bem remuneradas em outros Estados: o salário não compensa e a função é dúbia, pois sustenta uma aparência de poder, mas no fundo esconde um vazio operacional que nem mesmo o Presidente da República pode remover.

Assim é a Secretaria de Assuntos Extraordinários. Não tem "status" ministerial, e existe para dar ao Presidente um assessor de luxo, para todos os problemas que surjam. No final, acabaria sendo um assessor de Imprensa, Propaganda e Relações Públicas maldisfarçado, e ainda carregando o ônus de ter a seu lado um porta-voz com autonomia de acesso direto ao Presidente.

Visto tudo isso, o jornalista Walter Fontoura disse não ao sr. José Sarney, que procurará outro nome para compor a situação composta pelo presidente Tancredo Neves, especialmente para atender ao publicitário Mauro Salles.

BRITTO EXIGE

Das exigências do jornalista Antônio Britto para aceitar permanecer como porta-voz do presidente Sarney: I) ter vínculo direto com o Presidente da República. II) Não ser ligado, por conseguinte, ao Gabinete Civil ou ao Secretário de Assuntos Extraordinários.

LEONARDO MOTA NETO